

# REFUGIADOS VENEZUELANOS E A MÍDIA BRASILEIRA

**Aluna: Isabella Dias Leite**

**Orientadora: Carolina Moulin**

**Co-Orientadora: Flávia Rodrigues De Castro**

## **Resumo**

Motivados por uma crise de viés socioeconômico e político que assola a comunidade venezuelana desde 2013 e o governo autoritário que persegue cidadãos contrários as suas políticas, alguns venezuelanos optam por migrar para outros países. Os cidadãos da Venezuela saem de suas casas, deixam suas famílias para conseguirem novas oportunidades em outros países, como a Colômbia e o Brasil – onde os refugiados chegam por meio da fronteira do norte, no Estado de Roraima –, procurando atendimento médico, produtos para higiene, alimento e proteção.

Porém, a jornada do refugiado venezuelano não termina por aí. Ao chegar em território brasileiro, os migrantes ainda tem que enfrentar longas esperas para conseguir se estabelecer legalmente dentro do país, lutando contra a violência e abusos de todos os tipos. E mesmo recebendo ajuda de organismos das Nações Unidas na recepção dos refugiados e distribuição deles pelo território, os países da América Latina – o Brasil incluso – ainda enfrentam certas barreiras na resolução de problemas envolvendo os imigrantes.

## **1. Introdução**

A presente pesquisa pretende entender as razões pelas quais venezuelanos tem deixado seu país de origem com destino ao Brasil e qual é a acolhida recebida por esses refugiados em terras brasileiras. Para isso, se utilizara a análise de portais midiáticos na internet – mais precisamente o site UOL – visando a compreensão do assunto e como a mídia brasileira entende o processo. Sendo assim, o trabalho está dividido em seções que buscam entender os motivos que levaram ao fluxo migratório venezuelano e os destinos dos refugiados, qual a resposta do governo brasileiro e de instituições internacionais sobre o assunto, finalizando com a visão midiática sobre o assunto entre os anos de 2013 e 2017.

A partir entendimento da crise que começou com a queda do valor dos barris de petróleo no mercado mundial, a economia venezuelana acaba gerando um aumento na inflação e escassez de bens de consumo. Isso tudo é ocasionado pelo fato de que a Venezuela é totalmente dependente do mercado de petróleo, o que acaba fazendo com que o país enfrente uma recessão econômica. A crise se prolonga por três motivos, de acordo com Vaz (2016) em seu texto *A crise venezuelana como fator de instabilidade regional*: a queda de legitimidade do governo Maduro, acentuada pelo crescente isolacionismo sofrido pelo país, a deterioração econômica que desequilibram os fundamentos macroeconômicos e o aprofundamento da crise social que de maneira expressiva atingem os indicadores de criminalidade e violência.

“Para um número cada vez maior de países, organismos internacionais e organizações não governamentais, o presidente Nicolás Maduro transformou a Venezuela numa ditadura na qual adversários políticos são perseguidos, presos, torturados e mortos e as eleições são fraudadas. Ao mesmo tempo, o país vive uma recessão marcada pela escassez de produtos básicos e pela explosão no número de casos de desnutrição.

Maduro, por sua vez, se diz vítima da pressão de uma oposição incapaz de conquistar o poder pelas vias eleitorais, que atua respaldada sobretudo pelos EUA, cujo secretário de Estado, Rex Tillerson, já sugeriu em público que o governo da Venezuela fosse deposto por força militar. O presidente venezuelano também refuta as acusações de fraude eleitoral e diz que o país está aberto a observadores internacionais.” (CHARLEAUX, 2018)

Em vista disso, muitos venezuelanos optaram por deixar seu Estado e cruzar as fronteiras em busca de proteção e melhores condições de vida. Por conta da fronteira que o Brasil divide com a Venezuela no extremo norte do país, pelo estado de Roraima, os emigrantes acabam decidindo migrar para o território brasileiro. O número de solicitações de refúgio somente de venezuelanos no Brasil cresceram cerca de 92% entre 2013 e 2017, segundo o Ministério da Justiça brasileiro, tendo Roraima recebido, 47,11% desse contingente.

O fluxo migratório venezuelano ao Brasil vem gerando uma tensão na recepção e acolhimento nas cidades brasileiras que fazem fronteira com a Venezuela e leva aos seus cidadãos cobrarem medidas do Governo Federal. Uma das medidas tomadas é a estratégia de interiorização desses refugiados; uma redistribuição geográfica desses migrantes para outras partes do país, como a cidade de São Paulo e Cuiabá. Mas o que assombra essa política é a falta de informação sobre o alcance dessa política que deslocou dezenas de pessoas.

“Em alinhamento com os princípios de livre movimento em território nacional de pessoas migrantes e refugiadas preconizadas pelo Brasil em sua legislação, exige-se que a adesão voluntária seja manifestada pelos migrantes e refugiados e que esteja embasada em uma tomada de decisão informada. Ou seja, que eles tenham conhecimento sobre o que lhes espera nas novas cidades de destino em termos de estrutura e assistência, em especial em relação a temas essenciais como trabalho e emprego, moradia, serviços de saúde, documentação e reunião familiar, entre outros. Em um cenário onde relatos de violações de direitos trabalhistas já se acumulam em todo território nacional contra a população imigrante, merece atenção especial a realização de ações de prevenção ao trabalho escravo e ao tráfico de pessoas em uma ação de mobilidade assistida pelo Governo Federal em parceria com organismos internacionais especializados.” (SAMPAIO; SILVA, 2018)

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) trabalha em conjuntamente com as autoridades governamentais brasileiras e a sociedade civil para uma melhor recepção dos refugiados, de tal modo a acelerar o processo de identificação e registros dos migrantes. Uma das grandes preocupações do ACNUR é com a segurança física dos refugiados dentro dos Estados que os abrigam, porque muitos migrantes sofrem diversos tipos de violências por serem estrangeiros. O órgão então, ajuda a conscientizar as cidades que recebem os de migrantes. O ACNUR ajuda ao Brasil com o refugiados venezuelanos com a doação de recursos para que algumas atividades sejam desenvolvidas, além de contar com o reforço de agentes da Polícia Federal brasileira no Estado de Roraima.

### **1.1 Pergunta da pesquisa:**

O projeto de pesquisa em questão visa a analisar: **Qual o motivo para os venezuelanos estarem migrando para o Brasil e quais as ações brasileiras para com esse fluxo?**

## **2. Objetivos**

### **2.1. Objetivo Geral:**

O objetivo geral da pesquisa é analisar como a crise venezuelana acabou por gerar um fluxo migratório para fora do país e como os migrantes acabam chegando ao Brasil. A análise é feita através de portais de notícias online sobre o assunto.

### **2.2. Objetivos específicos:**

- a) Observar por quê os venezuelanos estão migrando para o Brasil.
- b) Interpretar as políticas utilizadas pelo governo brasileiro e a ajuda internacional.
- c) Interpretar, através de recortes midiáticos, como o portal de notícias UOL entende esse fluxo migratório.

## **3. Metodologia**

A metodologia seguida na presente pesquisa foi a análise de conteúdos em recortes midiáticos do portal UOL que abordam notícias relevantes sobre venezuelanos que englobavam as palavras “crise”, “refugiados” e “migração” a partir do ano de 2013 até 2017. As notícias deram suporte aos argumentos aqui esclarecidos e desenvolvidos, além de ser um material coerente que ajudasse no entendimento sobre a crise venezuelana e seus desdobramentos para o Brasil. A pesquisa mostrou que o número de solicitantes venezuelanos de refúgio entre os anos citados aumentou mais em mais de 17 mil pedidos, que tende a aumentar a cada ano até a resolução da crise.

Os pontos especificados foram escolhidos com base nas políticas utilizadas pelo Brasil para a acolhida dos refugiados brasileiros e considerando os pontos onde é necessário uma atenção especial, incluindo os problemas relacionados a superlotação das cidades no estado de Roraima em que os venezuelanos entram no país e a maneira que os venezuelanos são tratados dentro do território brasileiro.

Distribuída em seções, a pesquisa iniciará descrevendo como a Venezuela entrou em crise, debatendo as políticas utilizadas pelo governo Maduro e qual as implicações para a população do país. Depois, será discutido o fluxo migratório dos venezuelanos, observando quais países recebem esse fluxo e as políticas utilizadas pelos países da América Latina para abrigar os migrantes venezuelanos. Na terceira seção, foi abordado a organização do Brasil na recepção desses refugiados, as cidades brasileiras que são atingidas por esse transbordamento do fluxo imigratório, a administração brasileira para a distribuição de pedidos de refúgio, a ajuda internacional dada pelo ACNUR e as pesquisas feitas pelo Organização Internacional para as Migrações (OIM). Por último é abordado o recorte midiático feito, apresentando qual a posição do portal UOL sobre os refugiados venezuelanos e como as notícias são exibidas aos leitores do site.

Além de portais de notícias, o organizador do livro *Perfil Sociodemográfico e Laboral da imigração venezuelana no Brasil*, Gustavo Simões também foi muito referenciado dentro da presente pesquisa, justamente porque em seu texto o autor traça um perfil sociodemográfico dos venezuelanos, demonstrando o retrato dos cidadãos da Venezuela que estão no Brasil. O

autor também debate sobre a o etnia de índios venezuelanos Warao que migram para as terras brasileiras explicando o processo que os índios tiveram que passar para chegar nas terras brasileiras e os problemas que enfrentam, uma vez que estão instalados no território.

Por fim, pretende-se apresentar alguns desafios que o Brasil ainda necessita enfrentar nos próximos anos para com os refugiados afim de apresentar maiores chances de convivência entre o povo brasileiro e os migrantes optam vir para o Brasil.

#### **4. Desenvolvimento**

##### **4.1. Histórico do Conflito**

Desde que as reservas petróleo venezuelanas começaram a ser exploradas no governo de Juan Vicente Gomez (no poder desde 1908 até 1935), a Venezuela depende do valor pelo qual os barris de petróleo são vendidos. Hugo Chávez, que se manteve no cargo de 1999 até 2013, conseguiu explorar bastante o crescimento econômico venezuelano gerado pelo aumento do preço do barril (2004 - 2007) para investir em obras públicas, subsídios alimentares, financiamentos para a educação e um programa de saúde amplamente acessível. Chávez tinha um discurso populista progressista que culpava a elite do país pela desigualdade econômica. Após sua morte, Nicolás Maduro assumiu a presidência do país em março de 2013.

Maduro tentou dar continuidade a maioria das políticas econômicas de Hugo Chávez ao entrar na presidência, já que o preço do barril do petróleo caiu drasticamente, e junto com a alta inflação e grande escassez de bens, o governo venezuelano começou a enfrentar uma resseção econômica. O PIB (Produto Interno Bruto) do país começou a decair com o colapso do petróleo e o descrédito da economia aumentou levando os cidadãos a necessitarem enfrentar longas filas para obter mantimentos, medicamentos, produtos higiênicos, e sofrer com os cortes de energia e para conseguir empregos. Esses fatores acabam por esclarecer o crescimento da reprovação do governo de Nicolás Maduro. Inclusive, em 2014, a população insatisfeita tentou até manifestar contra seu governo, porém, após uma dura represália, o único resultado que se obteve foi a morte de alguns e a prisão dos líderes opositoristas do governo de Maduro.

As questões político-sociais da Venezuela acabam sendo nutridas e amplificadas por conta de como a economia do país se encontra. Com a queda acentuada dos preços do barril do petróleo no mercado internacional, os problemas gestacionais do governo e a corrupção implicam na ampliação e a modernização das atividades que envolvem a base da economia venezuelana (extração, refino e comercialização do petróleo). A Venezuela se encontra em um processo inflacionário desde 2013, o que provoca um desequilíbrio econômico. (GLADSTONE, 2016)

“A Venezuela possui hoje a maior taxa de inflação em todo o mundo, estimada pelo Fundo Monetário em 720% para o corrente ano e 2.200% em 2017. Estima-se, igualmente, retração do Produto Interno Bruto em 8.8% em 2016 – o terceiro ano de quedas consecutivas – e um déficit orçamentário de US\$ 40 bilhões, além de uma taxa de desemprego superior a 16% no mesmo período. Não há, portanto, perspectiva de melhora econômica no curto prazo que possa contribuir para distender o tensionado panorama político.” (VAZ, 2016)

O modelo venezuelano de economia sustentada pela exportação de petróleo entretanto acabou gerando, o que Briceño-León (2006) chama de justificativa para um dos maiores

problemas do país: a saúde pública. A economia depende dos barris de petróleo a tal ponto que a partir de sua venda é que a economia consegue gerar melhores salários aos trabalhadores e lucros aos empreendedores da Venezuela. O setor petrolífero chega a ocupar um terço do PIB e mais de 80% da receita exportadora, no entanto emprega somente 2% da massa salarial. O governo venezuelano é totalmente sustentado pelas receitas da exportação de petróleo.

A habilidade do governo venezuelano em empreender programas sociais de moradia, saúde, educação e assistência social ficou comprometido por conta da ineficiência da economia a se sustentar sem o apoio do valor do petróleo mercado mundial. Dizendo de outra forma, os programas sociais venezuelanos acabaram sendo afetados pela crise econômica que ronda a Venezuela, mostrando a incapacidade da economia de se sustentar sem o petróleo, aumentando ainda mais a insatisfação popular, agravada pelas altas taxas de desemprego que também assolam o Estado. Tudo isso pode ser compreendido na seguinte citação: “Ao lado da elevada taxa de desemprego, observa-se crescente precarização das condições de trabalho e a explosão da economia informal e da criminalidade (o índice de homicídios oscila, segundo diferentes fontes, de 68 a 90 casos por 100.000 habitantes)” (VAZ, 2016).

Nesse contexto de acentuada instabilidade política, econômica e social, o aumento da violência política, os problemas venezuelanos acabam transbordando de tal modo a gerar um fluxo migratório para outros países. Os destinos são variados, desde países que são destinos clássicos dos venezuelanos como Estados Unidos e Espanha, como também para países com que a Venezuela faz fronteira. Outros países incluídos na rota dos venezuelanos são Colômbia, Trinidad e Tabago e mais recentemente o Brasil (ÁLVAREZ, 2016).

#### **4.2. Deslocamento forçado**

O transbordamento da crise venezuelana acaba acentuando os fluxos migratórios para fora da região e afeta diretamente seus países vizinhos. Cidadãos optam por sair de seu país para tentar obter uma vida melhor fora do seu Estado. A Colômbia, por exemplo, com o aprofundamento da crise em 2015, começou a receber um fluxo maior de venezuelanos entrando em seu território, esse fator se deu por conta da proximidade que os dois países têm. A extensa fronteira de 2.219 km entre os dois países dificulta o controle da divisa pelas autoridades colombianas. Alguns venezuelanos, após adentrarem na Colômbia seguem caminho, reunindo dinheiro para ajudar na jornada até o seu destino, sendo ele dentro ou fora do Estado colombiano. Cúcuta é a cidade que recebe mais imigrantes venezuelanos.

Segundo a entidade encarregada do controle migratório na Colômbia, Migración Colômbia, entre 2015 e 2017 entraram cerca de 552 mil de venezuelanos no país. Entretanto, o número de venezuelanos que ingressam no país em pontos não autorizados não são contabilizados, o que evidencia o fato de que o número de imigrantes venezuelanos dentro do território colombiano pode ser maior. De acordo com Niño (2018), os refugiados que abandonam a Venezuela motivados pela crise, é uma população jovem que trabalha e maneira formal ou informal dentro da Colômbia no intuito de enviar dinheiro a seus familiares que ainda estão na Venezuela.

O governo colombiano, motivado pelo crescimento do fluxo migratório venezuelano para o território deu a seguinte resposta:

“O governo colombiano, sem dúvida alguma, se enfrenta a uma situação sem precedentes. Mesmo que houveram algumas mudanças importantes na política migratória do país, especialmente com mais garantias para a legalização dos imigrantes, entre elas a expedição de documentos que lhes permitem trabalhar, assim como uma maior presença institucional na fronteira desde 2015, em fevereiro de 2018 o governo aumentou os controles fronteiriços, o que reduziu os ingressos nos postos de controle fronteiriço, mas aumentou os ingressos por pontos de acesso ilegais, aumentando a vulnerabilidade da população migrante.

Assim, a preocupação predominante por parte das autoridades colombianas tem sido controlar a migração mais do que garantir os direitos dos imigrantes. Existe assim uma predominância de uma ideia negativa da migração, que é considerada, em palavras do presidente Juan Manuel Santos, como “o problema mais sério que tem o país”. (NIÑO, 2018)

Outro território que é impactado pelos fluxos migratórios venezuelanos é Curaçao, país no sul do Mar das Caraíbas holandesas, circunjacente ao Norte da costa venezuelana em aproximadamente a 65 km. Conjuntamente com a Cruz Vermelha, o país elaborou um plano de emergência por conta do transbordamento da crise venezuelana. O território é escolhido pelos refugiados por ser um ponto privilegiado para a Europa (VAZ, 2016).

“Algumas ilhas do Caribe tentaram controlar as chegadas com regulamentações alfandegárias mais rígidas, com Curaçao exigindo que os turistas venezuelanos mostrassem US \$ 1.000 em dinheiro antes de serem autorizados a entrar no país, mas isso significa que os refugiados estão cada vez mais chegando em jangadas improvisadas. perigosa viagem de 60 km por mar agitado. No entanto, o fato de que a Guarda Costeira do Caribe holandês intercepta apenas 5-10% das chegadas venezuelanas significa que o número de imigrantes ilegais provavelmente continuará a subir acentuadamente. Dado que muitos dos países do Caribe não têm capacidade financeira e física para lidar com um grande número de chegadas venezuelanas (as populações de Aruba e Curaçao, por exemplo, são apenas 105.000 e 160.000 respectivamente, e os níveis de desemprego já são altos), o agravamento da crise na Venezuela, conseqüentemente, colocará uma pressão crescente sobre os serviços domésticos nesses países. Algumas autoridades dessas ilhas associaram o aumento do crime doméstico ao crescente número de imigrantes venezuelanos.<sup>1</sup>”

O fluxo migratório venezuelano também chegou ao Brasil, que chegam ao país através da fronteira no extremo norte do país, e se instalam na cidade mais próxima, especificamente, Pacaraima, no estado de Roraima. O número de solicitações de refúgio aumentou de 17.631 em 2013 para 33.865 em 2017, desse número, o pedido de refúgio somente para venezuelanos aumentou de 64 em 2013 para 17.865 em 2017 segundo o Departamento de Polícia Federal/Comitê Nacional para os Refugiados. Roraima teve em 2017 cerca de 47,11% dessas solicitações de refúgio registradas, São Paulo, recebeu o segundo maior número de solicitações, contabilizando 9.591 (28,32%) pedidos, sendo seguido pelo estado do Amazonas que recebeu 2.864 (8,46%) pedidos em 2017<sup>2</sup>.

Entre 2015 e 2016 o número de solicitações feito por venezuelanos aumentou cerca de 889%, segundo dados do Conselho Nacional para Refugiados, o CONARE. O CONARE afirma

---

<sup>1</sup>Dados retirados da notícia “Americas politics: Spiralling numbers of refugees flee Venezuela” publicada na revista “Economist Intelligence Unit: Country ViewsWire”.

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.justica.gov.br/news/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017\\_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf](http://www.justica.gov.br/news/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf)

que em 2015, o número de pedidos de refúgios por imigrantes venezuelanos era de 341, e que esse número saltou para 3.375 pedidos no ano seguinte, cerca de dez vezes mais. Inclusive, o ano de 2016 marca o fato de que a Venezuela se tornou o país com maior solicitantes de refúgio no Brasil, sendo seguida por Cuba e Angola. (PRAZERES, 2017).

Conforme analisado Simões (2017), a migração venezuelana de não indígena para Roraima é composta predominantemente por jovens solteiros com idade de trabalhar, homens, com o nível de escolaridade bom, oriunda basicamente de Bolívar, Monaguás e Caracas. São cidadãos que tinham trabalho<sup>3</sup> na Venezuela, mas que optam por migrar depois do desdobramento da crise política ou porque são perseguidos pelo próprio governo venezuelano, como os membros do Colégio de Advogados de Caracas.

Muitos venezuelanos que chegam ao Brasil logo procuram por cuidados com a saúde por conta da falta crônica de medicamentos básicos. Essa alta procura por atendimento médico acaba por aumentar a taxa de hospitalização no estado de Roraima. O Hospital Geral do estado confirmou que o número de venezuelanos tratados durante 2016 triplicou, e que cerca de 80% dos pacientes no hospital em Pacaraima, perto da fronteira, são venezuelanos<sup>4</sup>. Segundo o relatório da ONG de direitos humanos Human Rights Watch<sup>5</sup>, a maioria dos venezuelanos que recorrem ao Brasil para obterem acesso aos serviços básicos de saúde, alimentos e produtos de higiene que são privados em seu país.

“O sistema de saúde pública do estado, já sobrecarregado antes da crise dos refugiados, foi o mais atingido. Muitos venezuelanos chegam ao Brasil com doenças graves, que exigem tratamento urgente, como câncer terminal ou complicações relacionadas à tuberculose, diabetes, HIV/AIDS, subnutrição e malária não tratadas, pois não há medicamentos disponíveis em seu país de origem.” (STUENKEL, 2017)

“Medicamentos, insumos médicos básicos e até mesmo alimentos se encontram com estoques tão reduzidos que muitos venezuelanos não conseguem alimentar suas famílias ou obter assistência médica adequada.” (HUMAN RIGHTS WATCH, 2017)

O aumento do número de venezuelanos em Roraima é um dos maiores fluxos migratórios já recebido pela registrado na região desde sua criação em 1988. Apenas nos primeiro meses de 2016, mais de 600 venezuelanos tinham pedido para ficar em Roraima na condição de migrante segundo o CONARE. O visto distribuído pela organização se aplica aos refugiados que sofrem algum tipo de perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas no país de origem.

A cidade de Pacaraima em Roraima, tem cerca de 10 mil habitantes, no entanto seus serviços públicos atendem cerca de cinco vezes mais do que o número de seus moradores por conta dos venezuelanos que necessitam de atendimento médico. De acordo com prefeito da cidade, Juliano Torquato, setores como o de saúde, educação e segurança são os mais afetados

---

<sup>3</sup> Alguns desses cidadãos cursaram a universidade mas quando chegam ao Brasil não conseguem exercer suas funções. Pode-se ver, então, vários engenheiros e advogados exercendo a função de garçom e garçõete para consegue dinheiro suficiente para enviar a família que permaneceu na Venezuela.

<sup>4</sup>Dados retirados da notícia “Americas politics: Spiralling numbers of refugees flee Venezuela” publicada na revista “Economist Intelligence Unit: Country ViewsWire”

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2017/04/18/302397>

pela chegada dos imigrantes, inclusive no ano de 2017 o estado decretou emergência na área da saúde devido ao grande número de atendimentos médicos prestados aos imigrantes<sup>6</sup>.

Outra cidade no estado de Roraima que sofre com o fluxo migratório é a própria capital Boa Vista. Sendo a segunda cidade entre as capitais brasileiras com a menor população, a realidade da cidade mudou a partir da chegada dos venezuelanos que fogem da crise do seu país de origem. A capital não consegue suportar o número de imigrantes que adentram na cidade, ocasionando em uma dificuldade dos venezuelanos de obter empregos, moradias e alimentos (VAZ, 2016). Os cinco abrigos criados para abrigar especificamente os refugiados<sup>7</sup>, por exemplo, estão superlotados. Por conta disso, os imigrantes venezuelanos necessitaram erguer barracas improvisadas no meio da praça da cidade para que possam dormir. A prefeitura da cidade tenta ajudar, disponibilizando banheiros públicos para todos, mas não são o suficiente. Em um levantamento feito pela prefeitura da cidade chegou-se ao número de 25 mil venezuelanos estão morando na cidade. Este número representa 7,5% dos moradores da capital<sup>8</sup>.

O Brasil também recebe um grande contingente migratório de indígenas da etnia venezuelana Warao. Os indígenas venezuelanos saem do Delta do Orinoco ou de Monaguas, no noroeste da Venezuela e chegam ao Brasil seja a pé, de carro, de taxi ou até mesmo de ônibus. No território brasileiro eles vivem em Pacaraima, Boa Vista, Manaus, Santarém e até em Belém. A agência Amazônia Real estipula que atualmente em cidades do Norte do Brasil 915 indígenas do país vizinho, sendo que somente Roraima abriga 250 indígenas da etnia Warao em Pacaraima, na fronteira com Santa Elena do Uairén e em Boa Vista, os Warao já contabilizam 369.

“Entre os motivos que os trouxeram para o Brasil, conforme o parecer, está a fome, o corte dos programas sociais do governo e a crise econômica e política que assola a Venezuela. “Fome é a palavra mais usada por eles. O primeiro direito que estamos violando deles é a alimentação adequada”, ressalta o procurador da República, João Akira Omoto. (ROCHA, 2018)”

De acordo com Simões (2017), o povo Warao são habitantes de uma zona úmida, de rios, riachos e pântanos, onde sua cultura e sua existência estão ligadas ao grande rio que leva o nome de Wirinoko, que é derivado das palavras wiri = "de onde remamos" e noko = "lugar". Tradicionalmente, os Warao vivem da pesca, caça e coletas. Porém, a viagem ao Brasil mudou de certa forma a mobilidade dos indígenas Warao pois esse percurso até a fronteira do país nunca havia sido registrado na história desse grupo. Para completar, eles cruzam a fronteira e chegam ao Brasil falando o seu próprio dialeto, tendo poucos índios falantes de espanhol, o que dificulta o entendimento entre a PF e esse próprio grupo. Os Warao possuem fortes traços

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/prefeito-de-pacaraima-rr-estuda-decretar-situacao-de-calamidade-por-conta-da-imigracao-venezuelana.ghtml>

<sup>7</sup> Iniciativa da prefeitura da cidade para tirar os refugiados das ruas e abriga-los, entretanto, cinco abrigos são muito poucos para um número de refugiados que cresce a cada dia.

<sup>8</sup> Esse mesmo levantamento conseguiu prever o perfil dos imigrantes, apontando que cerca de 98% dos estrangeiros que vivem em Boa Vista são de origem venezuelana. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/mapeamento-aponta-que-25-mil-venezuelanos-vivem-em-boa-vista-diz-prefeitura.ghtml>

culturais nas suas técnicas de artesanato como em suas curas tradicionais – ou pelo canto ou pelo uso de ervas e plantas.

Os índios venezuelanos não são bem recebidos pelos brasileiros. O fato deles ficarem pelas ruas da cidade, em semáforos pedindo dinheiro ou vendendo a sua arte indígena acaba por gerar revoltas na população. O Ministério Público Federal até fez um alerta para a necessidade de políticas públicas e abrigamentos voltadas aos indígenas para que não sejam discriminados pelas questões culturais do povo. Mas, os Warao vivem um duplo distanciamento cultural, além de estarem longe de seu lugar de origem:

“Os Warao que estão no Brasil vivem um “duplo distanciamento cultural”, fato observado nas entrevistas feitas pelo antropólogo com os índios. “Essa situação cria uma distorção perceptiva entre seus planos de futuro, tal como a inserção no mercado de trabalho brasileiro e as reais possibilidades que podem encontrar no Brasil, o que pode resultar em frustração e alimentar o ciclo de vulnerabilidade social desses índios”, observou Tarragô.

(...) Um dos motivos de os Warao aceitarem ficar no abrigo estava associado à alimentação diária e acesso à saúde. (ROCHA, 2018)”

### **4.3. Resposta do governo brasileiro e dos órgãos internacionais**

O governo brasileiro já se mostrou diversas vezes preocupado com o contingente de venezuelanos dentro de seu território. Tema de várias reuniões no Planalto, a preocupação é justamente que esse número continue aumentando – pois o número de entrada supera o de saídas. Para lidar com esse crescimento, o governo federal enviou mais voluntários para a área no intuito de conseguir atender aos novos pedidos e dinamizar o processo de solicitações de refúgio dos migrantes. Ademais, o governo brasileiro liberou recursos adicionais para as cidades do estado de Roraima para se lidar com os venezuelanos que ali se abrigam.

A prefeitura de Pacaraima, em 2016, conseguiu um galpão para abrigar cerca de 300 indígenas de etnia Warao que estão pelas ruas do município, e na semana seguinte, o abrigo já havia chegado a 86% da sua lotação. Com uma estrutura contando com redários instalados na parte de dentro, cinco barracas no lado externo, banheiros, pias e espaços grandes que podem ser usados como fogareiros. A administração do local fica por conta da prefeitura e conta com o apoio de ONGs e do governo estadual. Esse é o terceiro espaço de acolhimento de venezuelano que funcionam em Roraima. Em 2017, dois outros abrigos já funcionavam em Boa Vista, capital Roraima.

O governo brasileiro também planejou uma redistribuição os imigrantes venezuelanos que estão concentrados nas cidades de Roraima para as grandes cidades pelo Brasil, que possuem uma infraestrutura melhor do que o estado do extremo norte do país. Esse processo é chamado de interiorização; cidades como Cuiabá, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo, recebem refugiados venezuelanos para aliviar a superlotação em Roraima. Na cidade de São Paulo, por exemplo, foram disponibilizadas inicialmente 300 vagas para alocar os imigrantes venezuelanos (BOEHM, 2018). A princípio, a capital do estado de São Paulo, se propôs a receber os refugiados em nove abrigos municipais e Manaus, disponibilizou 180 vagas.

Vale ressaltar que a interiorização dos refugiados não é um plano novo. Entre 2014 e 2015, o governo brasileiro utilizou da mesma medida para realocar os refugiados haitianos que

chegavam ao Brasil, porém foi uma experiência considerada negativa já que muitos dos imigrantes não chegaram a se adaptar aos lugares que foram acolhidos<sup>9</sup>. Os centros de acolhida foram refeitos e agora contam com dormitórios, banheiros, chuveiro, sala de informática, área de informática e área para estudos.

“Outro fator que dificultou a interiorização dos haitianos, que entravam pelo estado do Acre, foi a decisão unilateral de mandá-los para outros estados, sem a coordenação com governadores e prefeitos que os receberiam e sem a mediação do governo federal.

“O primeiro ponto é que a interiorização [dos haitianos] não foi uma política coordenada entre governos locais, entre o estado que estava mandando e o que estava recebendo e sem o papel do governo federal. Aquela foi uma decisão unilateral do governo do Acre e que foi muito problemática, porque não estava garantida a devida informação aos haitianos sobre para onde estavam indo. O fato de nem o governo do estado nem a prefeitura estarem cientes disso fez com que essas pessoas fossem simplesmente despejadas na cidade, e não houve nenhuma preparação para acolher essas pessoas”, avaliou Camila Assano, da ONG Conectas e membro do Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH) (BOEHM, 2018).”

O ACNUR, trabalha conjuntamente com as autoridades governamentais dos países da América Latina que recebem um grande número de refugiados venezuelanos, principalmente com o Brasil; para acelerar as identificações e registros, reforçar a capacidade de recepção e oferecer uma agência humanitária básica. O órgão das Nações Unidas, tenta ajudar o governo federal com o transbordamento do fluxo migratório venezuelano para o país disponibilizando mais agentes em Roraima, visando uma ajuda na hora do registro dos refugiados, e também para garantir que os cidadãos provindos da Venezuela tenham as documentações corretas em posse na hora de solicitar refúgio. Em 2017, o ACNUR ampliou sua resposta humanitária com a abertura de escritórios em Boa Vista e Manaus<sup>10</sup>.

A agência da ONU em conjunto com o Comitê Federal de Assistência Emergencial quer garantir acesso a assistência médica e abrigo apropriado para os imigrantes venezuelanos além de itens básicos e kit de higiene pessoal e colchões e o que mais preocupa o órgão são a quantidade de venezuelanos que ainda vivem pelas ruas brasileiras e sofrem com a exploração sexual ou qualquer outro tipo de violência.

“Para atender as necessidades de abrigamento e atenuar esses riscos, dois novos abrigos em Boa Vista foram abertos nas últimas duas semanas. Cada um tem capacidade para 500 pessoas, sendo que já estão quase lotados. É dada prioridade às famílias com crianças, gestantes, idosos e outras pessoas com necessidades específicas.

O ACNUR está administrando os novos abrigos, realizando o registro biométrico e emitindo cartões de identificação para distribuição de alimentos e outros itens. Ao mesmo tempo, as autoridades federais, por meio do Exército, fornecem três refeições quentes por dia e propiciam segurança. O governo municipal está realizando vacinações no local.” (ACNUR, 2018)

---

<sup>9</sup> Os antigos centros de acolhida para refugiados eram na verdade centros de acolhida para moradores de rua, então não tinham infraestrutura para acolher de forma correta os imigrantes.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://nacoesunidas.org/voluntarios-brasileiros-apoiam-venezuelanos-que-chegam-a-boa-vista/>

Outro trabalho da agência da ONU é na ajuda da identificação de venezuelanos que estejam dispostos a participar do processo de interiorização; em que os Venezuelanos sairiam voluntariamente de Roraima com destino a outros centros urbanos do país. De acordo com o ACNUR (2018), “a interiorização fornecerá soluções de longo prazo às pessoas necessitadas e trará alívio a pressão sobre as comunidades e serviços locais no estado.” “Até agora, cerca de 600 venezuelanos foram transferidos para outras cidades, onde as autoridades locais e os grupos da sociedade civil estão ajudando na integração e na busca de autossuficiência. (ACNUR, 2017)”

Conforme um estudo realizado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), em parceria com o Ministério de Direitos Humanos, 52% dos refugiados venezuelanos que entraram no Brasil desejam viver em outros países da América Latina, 48% dos venezuelanos que desejam permanecer no Brasil preferem se estabelecer em Roraima ou então seguir para o Amazonas. A pesquisa mostrou ainda que 71% dos venezuelanos que entraram no Brasil estão na faixa etária de 25 a 49 anos, sendo 58% deles homens. O estudo indicou que 57% dos venezuelanos estão desempregados no Brasil e da maioria dos que têm emprego, 82%, estão no mercado informal. Para complementa, 76% dos imigrantes venezuelanos que trabalham, enviam remessas para suas famílias na Venezuela. A pesquisa apontou que 28% dos entrevistados sofreram violência verbal, física ou sexual no Brasil. A maioria dos entrevistados afirmou ter acesso a serviços básicos, com exceção da educação. O intuito desse estudo é fornecer dados confiáveis para compreensão do fluxo migratório e para que se desenvolva políticas públicas que atendam esses imigrantes.

O órgão também enviou alguns de seus pesquisadores para realizar um relatório<sup>11</sup> de estudo sobre os indígenas venezuelanos da etnia Warao<sup>12</sup> que se refugiam no Brasil. A averiguação pretende contribuir para o campo de migração indígena internacional e pretende melhorar a capacidade brasileira de lidar com o crescente número de venezuelanos da etnia Warao que chegam ao país. A página ONUBR (2018) escreveu: “A pesquisa da OIM examinou como sua identidade cultural indígena afeta seus direitos e os deveres do Estado sob as leis doméstica e internacional(ONUBR, 2018)”. E posteriormente completou:

“O estudo indica que os migrantes indígenas no Brasil são protegidos por três conjuntos diferentes de leis. Em primeiro lugar, pelos princípios universais da lei de direitos humanos. Em segundo lugar, pela lei interna e pelos acordos internacionais para a proteção dos direitos dos povos indígenas. Em terceiro lugar, pela lei de migração brasileira e pelos acordos internacionais de países — destacando as novas ferramentas de proteção disponíveis desde a entrada em vigor da nova lei nacional de migração (novembro de 2017).

Essa proteção tripla permite que uma abordagem baseada em direitos ocorra no planejamento das políticas públicas, e indica que soluções de longo prazo precisam ser desenvolvidas em consulta às comunidades indígenas. Temas como acesso à educação, saúde e moradia têm maior impacto sobre os direitos coletivos indígenas,

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://repository.oim.org.co/bitstream/handle/20.500.11788/2018/BRL-OIM%20004.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

<sup>12</sup> No início de 2016 o povo Warao começou a chegar no Brasil, demandando por serviços públicos e apresentando uma nova dificuldade ao governo brasileiro quanto ao fluxo de migrantes já que no país nunca haviam tido casos que se assemelhavam com o dos indígenas venezuelanos.

inclusive sobre seu direito à identidade cultural e, portanto, precisam ser tratados de acordo.(ONUBR, 2018)”

#### **a. Deportações de venezuelanos e a nova lei de Imigração**

Para lidar com o excesso de refugiados ilegais dentro do território, a capital de Roraima, Boa Vista, em 2016, estava deportando os migrantes dentro do território. A Polícia Federal deportou cerca de 450 imigrantes venezuelanos ilegais do país, sendo 180 deles crianças e indígenas. Segundo a PF, eles atuavam no comércio de produtos artesanais e pediam doações em semáforos na capital de Roraima. A decisão foi impedida porque:

“Na decisão que suspende a deportação, a juíza da 4ª Vara Federal Luzia Mendonça entendeu que foi não assegurado aos venezuelanos detidos um princípio do artigo 5º da Constituição Federal.

"Ainda que o instituto da deportação seja instrumento voltado para a retirada do território nacional de quem aqui esteja em situação irregular, não se pode perder de vista que a decisão administrativa impositiva dessa saída deve observar o contraditório (...). Considerando que a Constituição garante igualdade de tratamento entre brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil", citou a juíza em um trecho da decisão. (G1RR, 2016)”

Essa não foi a primeira vez que venezuelanos foram deportados do país. Desde 2015, centenas de refugiados que entraram no país foram deportados do estado e foram levados de volta a Venezuela<sup>13</sup>. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), pediu que os membros da organização protejam os migrantes e ainda criticou as deportações feitas pelo Brasil, lembrando que o Estado brasileiro tem como dever implementar as medidas necessárias para proteger a vida, integridade e segurança de todos os imigrantes sobre a jurisdição do país. Para a CIDH, as deportações só podem ocorrer em casos excepcionais e após a avaliação de cada caso.

A nova Lei de Imigração brasileira que entrou em vigor em setembro de 2017 trouxe mudanças de paradigmas. Antes, o Estatuto do Estrangeiro via a imigração como uma questão de segurança nacional, já a nova lei vê essa questão como algo que engloba os direitos humanos. A lei estabelece que nenhuma pessoa possa ser presa por não possuir o documento exigido pelo Brasil para estar como refugiado no país, mas o decreto também abre a possibilidade para que os migrantes em situação irregular sejam presos pela Polícia Federal, o que é extremamente contraditório.

#### **4.4. Recorte Midiático**

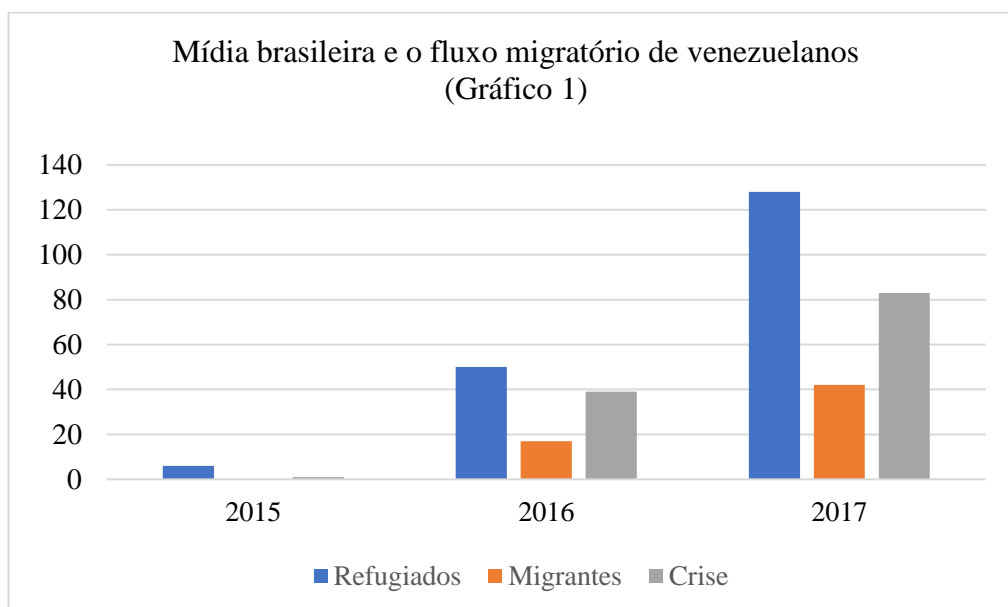
Depois que o recorte midiático foi feito, o portal de notícias do UOL foi escolhido para esclarecer a como as mídias brasileiras reagem aos acontecimentos que se desdobram desde 2013 na Venezuela. Com o recorte temporal de 2013 a 2017, nota-se que a mídia brasileira acompanha o desdobrar da crise venezuelana em forma de fluxo migratório desde seu “boom” em 2015 quando os venezuelanos começaram a entrar no país através da fronteira ao norte do Brasil; antes disso, as notícias do portal somente esclareciam os acontecimentos que levavam a crise socioeconômica e política no governo de Maduro o país vive.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/12/pf-deporta-450-venezuelanos-sem-documentacao-legal-em-roraima.html>

É importante ressaltar que o portal de informações, UOL, que republica as notícias dos maiores jornais do mundo<sup>14</sup> serve de exemplo de como a crise de refugiados é referenciada pela mídia; muitos a chamam de “êxodo”, outros de “diáspora venezuelana” ou até “crise”. De acordo com uma das notícias do portal, “praticamente insignificantes até 2013, os pedidos de venezuelanos explodiram a partir de 2015, quando a crise do regime chavista ficou mais gritante. Há três anos, foram 822 pedidos (STRUCK, 2018)” e é por esse motivo que a crise de refugiados venezuelanos passou a ter significância para as mídias do país.

No gráfico 1, é possível ver a quantidade de vezes que as palavras “refugiados”, “migrantes” e “crise” aparecem no portal em assuntos relacionados aos venezuelanos. O número de publicações no portal sobre refugiados aumentou a partir de 2017, quase que 205%. Nas próprias notícias é possível se visualizar o motivo: as políticas públicas, governamentais, municipais e de organismos internacionais para com o fluxo migratório venezuelano adentrando no Brasil também cresceram. Em outras palavras, em 2017 observa-se na plataforma de notícias do UOL um aumento de informações sobre os refugiados venezuelanos já que nesse mesmo ano, as iniciativas nacionais e as internacionais começam a alocar recursos para as cidades de Roraima, tentando ajudar na superlotação e falta de recursos que essas cidades sofrem.



Outro marco que merece atenção é o fato de que, quando a palavra “crise” aparece nos noticiários, na maior parte do tempo é para desenvolver sobre a crise política e economia vivida pela Venezuela desde 2013 até os dias atuais, o âmbito social da crise é muitas vezes negligenciado. Além disso, a maior parte dos textos explica o que é um refugiado e o motivo pelo qual os venezuelanos estão sendo tratados como migrantes (novamente, a crise aparece nos textos) e qual a resposta do Brasil a esse contingente crescente de venezuelanos entrando no país.

As notícias do UOL sobre os venezuelanos, remetem ao fluxo migratório como algo impulsionado pela falta de resolução da crise originada no governo de Maduro. Na mídia, o

<sup>14</sup> O site reposta (referenciando) notícias do New York Times, G1, AFP, Estadão, DW e outros, além das próprias notícias do portal.

presidente da Venezuela é descrito como quase uma ditadura, que persegue os contrários a seu governo e que deixa a sua população na miséria.

O UOL ressalta o fato de que há falta comida nas prateleiras e a falta de atendimento médico, além da perseguição do próprio governo. Isso tudo acaba motivando os venezuelanos a saírem de seu país e tentar uma vida fora daquele país que um dia chamaram de lar. É descrito nos textos, um ar de agradecimento provindo dos venezuelanos pelos brasileiros os acolherem de braços abertos e que estar no Brasil é a melhor coisa que já aconteceu. Pela mídia, os venezuelanos são identificados como pessoas que fugiram de um mal gigantesco e que finalmente encontraram a luz, como se o movimento migratório necessita-se acontecer para eles serem livres. Aliás, a palavra refugiado tem uma maior aparição nas notícias do site, isto quer dizer que o site reconhece que os venezuelanos se enquadram nas definições da Convenção de Genebra sobre refugiados, ou seja, eles são reconhecidos como alguém que teve de deixar seu país natal por causa de sua etnia, religião, nacionalidade, convicção política ou pertencimento a certo grupo social.

Ademais, na análise das notícias sobre a crise venezuelana até 2015<sup>15</sup>, pouco se viu sobre os refugiados da Venezuela. Os noticiários notificavam bastante sobre as guerras e o deslocamento forçado de árabes e africanos. Nessa época, o Brasil recebia um grande número de solicitações de refúgio de sírios e esse número só foi ultrapassado no ano de 2016 com os pedidos de refúgio dos venezuelanos.

## **5. Conclusão**

Após a análise do portal de notícias online, UOL foi possível entender os motivos pelos quais a Venezuela atualmente se encontra em crise, e que diferentemente do que se pensava, terá efeitos a longo prazo. Além da instabilidade econômica e política, a realidade do país também tornou-se um transbordamento de fluxos migratórios para os países vizinhos, incluindo o Brasil.

A chegada dos venezuelanos mudou de certa forma a dinâmica das cidades do norte do país, em Roraima. A porta de entrada para dos migrantes venezuelanos não tem estruturas para abrigar todos os refugiados, em outras palavras, mesmo com a criação de abrigos para os venezuelanos que ultrapassam as fronteiras, a cidade de Pacaraima e Boa Vista não conseguem dar vasão para todos, ainda mais que o contingente aumenta mais a cada dia.

O Brasil então, aplicou o processo de redistribuição desses venezuelanos, enviando algumas centenas para cidades brasileiras com melhor infraestrutura, entretanto muito desse processo ainda é muito duvidoso por conta de falta de informações do processo de interiorização. Há também, um contingente muito grande de venezuelanos estabelecidos no estado de Roraima para serem redistribuídos e para poucas vagas distribuídas pelas cidades.

O país tem vários desafios pela frente, como vencer a xenofobia, ter dados realísticos sobre quantos venezuelanos estão abrigados no território brasileiro, fora a necessidade de políticas que atendam devidamente os venezuelanos que aqui se refugiam.

---

<sup>15</sup> Nessa época, o governo de Maduro surpreendeu o mundo dizendo que a Venezuela iria receber cerca de 200 mil refugiados sírios em seu país, além de cobrar um posicionamento da sua vizinha Colômbia quanto ao assunto.

### 5.1. Desafios para o Brasil

O Brasil sofre com a falta de dados confiáveis, principalmente porque há um índice de venezuelanos que entram no país para comprar alimentos ou receberem atendimento médico em estados brasileiros, mas que logo depois retornam à Venezuela. Além disso, ainda existem venezuelanos que entram pelo país por outras cidades sem ser Pacaraima e não solicitam refúgio por falta de documentos. A coordenadora do Programas da ONG Conectas Direitos Humanos, Camila Asano disse em uma entrevista dada a João Paulo Charleaux (2018) do site Nexo:

“As autoridades brasileiras não têm números confiáveis, o que nos impede de ter uma ideia precisa. Os dados mais confiáveis são os publicados até agora pela Polícia Federal. (...)”

Muitos entram por Roraima, mas buscam, em seguida, outros países. Outros, entram, fazem compras e saem, num movimento migratório pendular. Então, usar o número de entrada das pessoas pela fronteira, na cidade de Pacaraima, não significa necessariamente contar as pessoas que de fato estão no Brasil.”

O governo brasileiro também sofre com a contradição de que as políticas de resolução dos problemas de migração venezuelana são pensadas por ministros das áreas militar e de segurança pública, quando os ministros do trabalho, saúde, direitos humanos e da educação deveriam ser incluídos também na discussão já que atinge tanto essas esferas dentro do Estado quanto as outras duas.

Os serviços de saúde pública estão superlotados; houve um aumento de 1.800% nos atendimentos de 2015 para 2017, o que implica em migrantes chegando no estado de Roraima desejando atendimento médico e acabam encontrando precariedade no serviço e falta de medicamentos. Outro problema são os números de abrigos para refugiados. O locais são insuficientes para atender a todos e tendo, alguns migrantes, que acampar ou dormir em praças e calçadas. Como muitos não têm emprego, os venezuelanos lotam semáforos da capital pedindo moedas para ao menos comprar algo para comer e beber naquele dia, e mesmo que algumas igrejas e organizações não governamentais tentem prestar ajuda, a demanda por produtos básicos é crescente.

A luta contra a xenofobia também marca o dia a dia desses refugiados no Brasil. Há um forte sentimento de hostilidade que surgiu em redes sociais, onde cidadãos das cidades do estado de Roraima passam a culpar os migrantes pela insuficiência de recursos nas áreas de educação, saúde e segurança, mesmo com as campanhas feitas pelo Ministério Público de Roraima de conscientização.

### Referência

ACNUR. **ACNUR intensifica sua resposta diante do aumento das solicitações de refúgio de venezuelanos.** Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2017/07/17/acnur-intensifica-sua-resposta-diante-do-aumento-das-solicitacoes-de-refugio-de-venezuelanos/>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

ACNUR. **Resposta humanitária no Brasil se intensifica diante da crescente chegada de venezuelanos.** 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/resposta-humanitaria-no-brasil-se-intensifica-diante-da-crescente-chegada-de-venezuelanos/>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

ÁLVAREZ, Johanna A. **A new wave of Venezuelans on the verge of destitution flees to Miami.** Miami Herald, 2016. Disponível em: <<https://www.miamiherald.com/news/local/immigration/article81578152.html>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

**Americas politics: Spiralling numbers of refugees flee Venezuela.** Economist Intelligence Unit: Country ViewsWire. 2017 [http://link.galegroup.com/apps/doc/A496157098/AONE?u=puc\\_rjbr&sid=AONE&xid=7ea2a1e7](http://link.galegroup.com/apps/doc/A496157098/AONE?u=puc_rjbr&sid=AONE&xid=7ea2a1e7). Acesso em 04 jul. 2018.

BITTENCOURT, Aryadne. **A crise venezuelana e anticrise da esquerda.** MigraMundo 2018. Disponível em: <<http://migramundo.com/a-crise-venezuelana-e-anticrise-da-esquerda/>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

BOEHM, Camila. **Interiorização de venezuelanos para São Paulo e Manaus começa em abril.** 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2018/03/20/interiorizacao-de-venezuelanos-para-sao-paulo-e-manaus-comeca-em-abril.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

BRANDÃO, Inaê; OLIVEIRA, Valéria. **Defesa Civil divide venezuelanos índios e não-índios entre abrigos em Boa Vista.** 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/defesa-civil-divide-venezuelanos-indios-e-nao-indios-entre-abrigos-em-boa-vista.ghtml>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. **Violence in Venezuela: oil rent and political crisis.** Laboratorio de Ciencias Sociales (Lacso), Caracas, Venezuela, p. 315-325, mar. 2006.

CHARLEAUX, João Paulo. **Como o Brasil lida com a imigração venezuelana: Após visita de Temer a Boa Vista, especialistas criticam falta de dados confiáveis e demora na análise de pedidos de refúgio.** 2018. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/02/14/Como-o-Brasil-lida-com-a-imigra%C3%A7%C3%A3o-venezuelana>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

G1RR. **Justiça Federal em Roraima suspende deportação de 450 venezuelanos: Decisão foi publicada às 19h24; venezuelanos deixaram Boa Vista às 16h40. Mais de 450 venezuelanos foram detidos durante ação da PF nesta sexta (9).** 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/12/justica-federal-em-roraima-suspende-deportacao-de-450-venezuelanos.html>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

GLADSTONE, Rick. **Como a Venezuela entrou na crise, e o que poderá acontecer agora?** 2016. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/the-new-york-times/2016/06/01/como-a-venezuela-entrou-crise-e-o-que-podera-acontecer-agora.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

HUMAN RIGHTS WATCH. ONG. **Venezuela: Crise Humanitária Alastra-se para o Brasil.** 2017. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/news/2017/04/18/302397>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

NIÑO, Edgar Andrés Londoño. **Colômbia, primeiro país de destino dos migrantes venezuelanos.** 2018. Disponível em: <<http://migramundo.com/colombia-primeiro-pais-de-destino-dos-migrantes-venezuelanos/>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

ONUBR. **OIM lança relatório sobre proteção legal de venezuelanos indígenas no Brasil.** 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oim-lanca-relatorio-sobre-protacao-legal-de-venezuelanos-indigenas-brasil/>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

PEREIRA, André Paulo dos Santos. **A imigração venezuelana para o Brasil e o desafio do combate à xenofobia.** 2018. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2018-abr-09/imigracao-venezuelana-desafio-combate-xenofobia>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

PRAZERES, Leandro. **Venezuela e Cuba lideram pedidos de refúgio para o Brasil em 2016.** 2016. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/03/16/venezuela-e-cuba-lideram-pedidos-de-refugio-para-o-brasil-em-2016.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

ROCHA, Eliane. **Migrante cidadão: a dinâmica dos deslocamentos dos índios Warao na Amazônia.** 2018. Disponível em: <<http://amazoniareal.com.br/migrante-cidadao-a-dinamica-dos-deslocamentos-dos-indios-warao-na-amazonia/>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

SAMPAIO, Cyntia; SILVA, João Carlos Jarochinski. **O Brasil precisa de um plano para os venezuelanos que chegam: Estratégia precisa estar imune de influências políticas, sob risco de expor refugiados à novas privações.** 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/10/opinion/1523393064\\_479158.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/10/opinion/1523393064_479158.html)>. Acesso em: 26 jun. 2018.

SIMÕES, Gustavo et al. (Org.). **Perfil Sociodemográfico e Laboral da imigração venezuelana no Brasil.** Curitiba: CRV, 2017. 112 p.

STUENKEL, Oliver. **A crise venezuelana também é nossa: Chegada de refugiados do país vizinho representa desafios e oportunidades para o Brasil.** 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/13/opinion/1510586519\\_636482.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/13/opinion/1510586519_636482.html)>. Acesso em: 11 jul. 2018.

STRUCK, Jean-Philip. **Brasil tem 5.134 refugiados vivendo em território nacional.** 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2018/04/12/brasil-tem-5134-refugiados-vivendo-em-territorio-nacional.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

VAZ, Alcides Costa. A crise venezuelana como fator de instabilidade regional. **Centro de Estudos Estratégicos do Exército : Análise Estratégica**, [S.l.], v. 3, n. 3, p. 1-7, fev. 2017. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/CEEEExAE/article/view/1171>>. Acesso em: 17 jul. 2018.